

H 864t
L.L.

ERIC J. HOBBSAWM

OS TRABALHADORES

Estudos sobre a História do Operariado

Ficha Catalográfica

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

H599t

Hobsbawm, Eric I.

Os Trabalhadores: estudo sobre a história do operariado / Eric I. Hobsbawm; tradução de Marina Leão Teixeira Viriato de Medeiros. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

(Coleção Pensamento crítico; v. 45)

Tradução de: Labouring men.
Bibliografia

I. Trabalhadores I. Título II. Série

81-0379

CDD - 331
CDU - 331

EDITORA PAZ E TERRA

Conselho Editorial:

Antonio Candido

Celso Furtado

Fernando Gasparian

Fernando Henrique Cardoso



Paz e Terra

55306

55306

Os Destruidores de Máquinas

É HORA TALVEZ de reconsiderar o problema da quebra de máquinas no começo da história industrial da Inglaterra e outros países. Quanto desta forma de equívocos do início da luta da classe trabalhadora são ainda largamente sustentados, mesmo por historiadores especializados. Assim, um excelente trabalho publicado em 1950, pôde ainda descrever o Luddismo * simplesmente como uma "Jaquerie ** industrial sem propósito e frenética", e uma autoridade eminente que contribuiu mais do que a maioria para o nosso conhecimento dela, passa sobre os tumultos endêmicos do século dezoito com a sugestão de que estes eram o transbordamento da excitação e da animação. ¹ Tais equívocos são, acho eu, devido à persistência das opiniões sobre a introdução de maquinaria elaborada no começo do século dezenove, e às opiniões quanto ao operariado e à história do sindicalismo formuladas no fim do século dezenove, principalmente por Webbs e seus seguidores Fabianos. Talvez devamos distinguir as opiniões e as presunções. Em grande parte das discussões sobre a quebra de máquinas ainda se pode detectar a presunção dos apologistas econômicos da classe média do século dezenove, de que se devia ensinar aos operários a não baterem com a cabeça contra a verdade econômica, por mais intragável que fosse; dos Fabianos e Liberais, de que os métodos com emprego da força na ação trabalhista são menos eficazes do que as negociações pacíficas; de ambos, de que o início do movimento trabalhista não sabia o que estava fazendo, mas simplesmente reagia, cegamente e às apalpadelas, à pressão da miséria, como os animais no laboratório reagem às correntes elétricas. As opiniões conscientes da maioria dos estudiosos podem ser resumidas como se segue: o triunfo da mecanização era inevitável. Podemos compreender e simpatizar

* NT - Adjetivo derivado de Ned Ludd, sugerido em 1779, quando este trabalhador idiota do Leicestershire quebrou máquinas que economizavam mão-de-obra

** NT - Revolta camponesa na França em 1358.

com a longa ação de retaguarda que todos exceto uma minoria de trabalhadores favoreceram emprenderam contra o novo sistema; mas de- vemos aceitar sua derrota inevitável e sem propósito.

As presunções tácitas são inteiramente discutíveis. Nas opiniões conscientes há obviamente uma boa dose de verdade. Ambas, contudo, obscurecem uma boa parte da história. Assim elas tornam impossível qualquer estudo real dos métodos de luta da classe trabalhadora no período pré-industrial. No entanto tal estudo é extremamente necessário. Um olhar muito apressado sobre o movimento trabalhista do século dezoito e começo do dezenove mostra como é perigoso projetar o quadro da revolta desesperada e retirada, tão familiar de 1815-48, longe demais no passado. Dentro de seus limites, e eles eram, intelectual e organizacionalmente muito estreitos – os movimentos do longo surto econômico que terminou com as guerras Napoleônicas, não foram nem desprezíveis nem completamente malsucedidos. Grande parte deste sucesso foi obscurecido pelas derrotas subsequentes: a forte organização da indústria de lã do Oeste da Inglaterra decaiu completamente para só reviver na ascensão dos sindicatos gerais durante a primeira grande guerra; as corporações de ofícios dos trabalhadores belgas de lã, suficientemente fortes para vencer acordos coletivos virtuais na década de 1760, decaíram após 1790 e até o começo da década de 1900 o sindicalismo esteve morto para fins práticos.²

Contudo não há realmente nenhuma desculpa para ignorar de qualquer modo a força destes primeiros movimentos na Inglaterra; e a menos que percebamos que a base do poder estava na quebra das máquinas, nas arruaças e na destruição das propriedades em geral (ou, em termos modernos, na sabotagem e na ação direta), não vemos sentido neles.

Para muitos não-especialistas os termos “destruidor de máquinas” e Luddita são intercambiáveis. Isto é apenas natural, porque as insurreições de 1811-1813, e de alguns anos após Waterloo neste período, atraíram mais a atenção pública do que quaisquer outras, e acreditava-se exigirem mais força militar para a sua supressão. O Sr. Darvall³ fez bem em nos lembrar de que os 12.000 soldados empregados contra os Ludditas excederam grandemente em tamanho o exército que Wellington levou para a Península em 1808. Contudo a preocupação natural que se tem com os Ludditas tende a confundir a discussão da quebra de máquinas em geral, que começa, como um fenômeno sério (se se pode dizer propriamente ter tido um começo) em algum momento do século dezoisete e continua até mais ou menos 1830. Realmente, a série de revoltas dos trabalhadores rurais que Hammonds batizou de “última insurreição de trabalhadores” em 1830 foi essencialmente uma ofensiva importante contra a maquinaria agrícola, embora destruisse incidentalmente também uma quantidade razoável de equi-

pamento industrial.⁴ Em primeiro lugar, o Luddismo, tratado como um fenômeno isolado para fins administrativos, abrangia vários tipos diferentes de quebra de máquinas, que na maior parte existiam independentemente uns dos outros, exceto antes e depois. Em segundo lugar, a rápida derrota do Luddismo levou a uma crença generalizada de que a quebra de máquinas nunca era bem-sucedida.

Vamos considerar o primeiro ponto. Há pelo menos dois tipos de quebra de máquinas, bastante diferentes da quebra incidental dos distúrbios comuns contra os altos preços ou outras causas de descontentamento – por exemplo, uma parte da destruição no Lancashire em 1811, e no Wiltshire em 1826.⁵ O primeiro tipo não implica nenhuma hostilidade especial contra as máquinas como tal, mas é, sob certas condições, um meio normal de fazer pressão contra os empregadores ou os trabalhadores extra. Como foi notado com justiça, os Ludditas de Nottinghamshire, Leicestershire e Derbyshire “estavam usando os ataques contra a maquinaria, quer nova ou velha, como meio de forçar seus empregadores a fazer-lhes concessões com relação a salários e outras questões.”⁶ Este tipo de destruição era uma parte tradicional e estabelecida do conflito industrial no período do sistema doméstico de fabricação, e nas primeiras fases das fábricas e das minas. Ele não era dirigido apenas contra as máquinas, mas também contra as matérias-primas, produtos acabados, ou mesmo a propriedade privada dos empregados, dependendo do tipo de danos a que estes eram mais sensíveis. Assim em três meses de agitação em 1802, os tosquidadores de Wiltshire queimaram montes de feno, celeiros e choças de negociantes de tecidos impopulares, abateram suas árvores, destruíram carregamentos de pano, bem como atacaram e destruíram suas fábricas.⁷

A prevalência desta “negociação coletiva através da arruaça” é bem demonstrada. Assim – para tomar simplesmente os ofícios têxteis do Oeste da Inglaterra – os negociantes de tecidos queixaram-se ao Parlamento em 1718 e 1724 que os tecelões “ameaçaram demolir suas casas e queimar seu trabalho a menos que concordassem com suas condições.”⁸ As disputas de 1726-7 foram travadas, no Somerset, Wiltshire e Gloucestershire, bem como em Devon por tecelões “invadindo as casas (dos patrões e furadores de greves), estragando a lã e cortando e destruindo as peças nos teares e os utensílios do ofício.”⁹ Elas terminaram em algo parecido com um contrato coletivo. O grande tumulto dos trabalhadores têxteis em Melksham em 1738 começou com os trabalhadores cortando todas as correntes dos teares pertencentes ao Sr. Culthurst... por ele ter baixado os Preços;¹⁰ e três anos mais tarde empregadores ansiosos na mesma área estavam escrevendo para Londres pedindo proteção contra as exigências dos homens de que nenhum estrangeiro devia ser empregado, sob pena de destruição da lã.¹¹ E assim por diante, durante todo o século.

Inglaterra do século dezoito, com a sua Revolução "burguesa" por um lado, e a França do século dezoito, com os seus movimentos populares, do outro. Certamente os movimentos dos nossos tecelões e mineiros são muito diferentes das atividades das superfundições parecidas com as dos sindicatos das associações de assalariados em áreas continentais muito mais primitivas.⁶

O valor desta técnica era óbvio, tanto como meio de fazer pressão nos empregadores, como de garantir a solidariedade essencial dos trabalhadores.

O primeiro ponto é admiravelmente apresentado numa carta do secretário da câmara municipal de Nottingham em 1814.¹⁹ Os fabricantes de malha, em bastidores, comunicava ele, estavam agora em greve contra a firma de J. e George Ray. Já que esta firma empregava principalmente homens que possuíam seus próprios teares, eram vulneráveis a uma simples suspensão das encomendas. A maioria das firmas, contudo, alugavam os teares aos fabricantes de malha "e através deles adquiriram controle total de seus trabalhadores. Talvez a maneira mais eficaz pela qual a combinação podia coagi-los era o seu meio anterior de continuar a guerra destruindo seus bastidores." Num sistema doméstico de indústria, onde pequenos grupos de homens, ou homens isolados, trabalhavam espalhados em numerosas aldeias e pequenas casas de campo, de qualquer maneira não é fácil conceber qualquer método que possa garantir uma parada eficaz. Além do mais, contra empregadores locais comparativamente pequenos, a destruição de propriedades – ou a ameaça constante de destruição – seria bastante eficaz. Onde, como na indústria de roupas, tanto a matéria-prima como o artigo acabado são caros, a destruição de lâ ou da roupa pode bem ser preferível à dos teares.²⁰ Mas nas indústrias semi-rurais mesmo o incêndio das medas, celeiros e casas dos empregadores pode afetar seriamente sua conta de lucros e perdas.

Mas a técnica tem outra vantagem. O hábito da solidariedade, que é o fundamento do sindicalismo eficaz, leva sempre a aprender — mesmo onde, como nas minas de carvão, ele sugere naturalmente. Leva mais tempo ainda para integrar o código de ética incontestada da classe trabalhadora. O fato de os fabricantes de malhas em bastidores espalhados no East Midlands poderem organizar greves eficazes con- tra as firmas empregadoras, por exemplo, atesta um alto nível de “mo- ral sindical”; mais alto do que poderia normalmente ser esperado nes- se período da industrialização. Além do mais, entre homens e mulhe- res mal pagos, sem fundos de greve, o perigo, de furadores de greves é sempre agudo. A quebra de máquinas foi um dos métodos de contra- atacar estas fraquezas. Desde que o equipamento de içamento de um poço de mina Northumbriano fosse quebrado, ou o alto-forno de uma fundição galesa posto fora de serviço, havia pelo menos uma garantia temporária de que a fábrica não funcionaria.²¹ Este era apenas um dos

19

Novamente, quando os mineiros de carvão tinham chegado ao ponto de dirigir suas exigências contra os empregadores de mão-de-obra, usaram a técnica da destruição. (Na maior parte, naturalmente, as insurreições dos mineiros ainda eram dirigidas contra os altos preços dos alimentos, e os exploradores julgavam-se responsáveis por eles.) Assim no campo de carvão de Northumberland, o incêndio da maquinaria da boca do poço fez parte dos grandes tumultos da década de 1740, que deu aos homens um aumento de salários bastante grande. ¹² Novamente, as máquinas foram despedaçadas e o carvão incendiado nos tumultos de 1765, o que deu aos mineiros a liberdade de escolherem seus empregadores no fim do contrato anual. ¹³ Leis do Parlamento contra o incêndio de poços foram baixadas a intervalos durante a última parte do século. ¹⁴ Mesmo em 1831 os grevistas em Bellingham (Durham) destruíram meios de içamento. ¹⁵

A história da destruição de formas no ofício de malharia do East Midlands é por demais conhecida para precisar ser contada de novo.¹⁶ Certamente a destruição das máquinas foi a arma mais importante usada nos famosos tumultos de 1778 (os ancestrais do Luddismo), que foram essencialmente parte de um movimento para resistir às reduções de salários.

Em nenhum destes casos — e outros podem semencionalos — houve qualquer questão de hostilidade às máquinas como tais. A destruição era simplesmente uma técnica do sindicalismo no período anterior, e durante as primeiras fases da Revolução Industrial. (O fato de os sindicatos organizados dificilmente existirem ainda nos ofícios enviduados, não afeta grandemente o argumento. Nem tampouco o fato de, com a chegada da Revolução Industrial, a destruição adquirir novas funções.) Ela era mais útil, quando tinha que ser feita pressão intermitente sobre os patrões, do que quando tinha que ser mantida pressão constante: quando os salários e as condições mudavam subitamente, como entre os trabalhadores têxteis, ou quando os contratos anuais, como entre os trabalhadores têxteis, ou entre os mineiros e mar-chegavam para renovação simultânea, como entre os mineiros e mar-chegavam, mais do que quando, digamos, a entrada no mercado tinha que ser firmemente restrita. Ela pôde ser usada por todos os tipos de pessoas, desde os pequenos produtores independentes, através das for-mas intermediárias tão típicas do sistema de produção doméstica, até os assalariados mais ou menos completamente capacitados. Contudo, dizia respeito principalmente mais às disputas que surgiam do relaciona-mento social típico da produção capitalista, do que entre empresá-rios empregadores e os homens que dependiam, direta ou indiretamen-te, da venda da sua força de trabalho a eles; embora este relaciona-mento existisse ainda em formas primitivas, e estivesse confundido com as relações da pequena produção independente. Vale a pena notar que os distúrbios e destruições deste tipo parecem mais frequentes no

18

métodos, e não aplicável em toda parte. Mas todo o complexo de atividades que os administradores do século dezoito e começo do dezenove chamavam de "Tumulto" conseguiram o mesmo fim. Todos estão familiarizados com os bandos de militantes ou grevistas de uma fábrica ou localidade, percorrendo toda a região, convocando aldeias, oficinas e fábricas por uma mistura de apelos e força (embora poucos trabalhadores precisassem de muita persuasão nas primeiras fases da luta).²² Mesmo muito mais tarde as demonstrações e reuniões de massa constituíram uma parte essencial das disputas trabalhistas – não só para intimidar os empregadores, como para manter os homens juntos e animados. Os tumultos periódicos dos marinheiros do Nordeste, no tempo em que os contratos de trabalho eram fixos, são um bom exemplo.²³ As greves dos portuários modernos outro.²⁴ Evidentemente a técnica Luddista estava bem adaptada para esta fase da guerra industrial. Se os tecelões ingleses do século dezoito (ou os madeiros americanos do século vinte) foram um grupo de homens proverbialmente desordeiros, havia sólidos motivos técnicos para serem o que eram.

Quanto a este ponto também temos alguma confirmação de um moderno líder sindical que, quando criança, viveu a transição de uma indústria de lã de doméstica para o sistema de fábrica. "É necessário lembrar" escreve Rinaldo Rigola²⁵ "que naquela época pré-socialista a classe trabalhadora era uma turba, não um exército. As greves escarregadas, ordeiras e burocráticas eram impossíveis. (R. é um conservador extremo entre os líderes sindicais – E.J.H.) Os trabalhadores só podiam lutar por meio de demonstrações, gritaria, incitação e vaia, intimação e violência. O Luddismo e a sabotagem, embora não elevados à categoria de doutrinas tinham apesar de tudo de fazer parte dos métodos de luta."

Devemos agora nos voltar para o segundo método de destruição, que é geralmente considerado como a expressão da hostilidade da classe trabalhadora às novas máquinas da Revolução Industrial, especialmente as que economizam mão-de-obra. Naturalmente, não pode haver nenhuma dúvida do grande sentimento de oposição às novas máquinas; um sentimento bem fundado, na opinião de nada menos que uma autoridade como o grande Ricardo.²⁶ Contudo três observações devem ser feitas. Primeiro, esta hostilidade não era nem tão indiscriminada nem tão específica como se tem presumido muitas vezes. Segundo, com exceções locais ou regionais, ela foi surpreendentemente fraca na prática. Finalmente, ela de maneira alguma se restringiu aos trabalhadores, mas foi partilhada pela grande massa da opinião pública, inclusive muitos industriais.

(i) O primeiro ponto ficará claro, se considerarmos o problema como ele se apresentava ao próprio trabalhador. Ele estava preocupado, não com o progresso técnico abstratamente, mas com os proble-

mas gêmeos práticos de impedir o desemprego e manter o padrão de vida habitual, que incluía fatores não-monetários tais como a liberdade e a dignidade, bem como os salários. Assim, não era às máquinas como tal que ela objetivava, mas a qualquer ameaça a estes – acima de tudo à mudança total nas relações sociais da produção que o ameaçavam. Se esta ameaça vinha da máquina, ou de alguma outra parte, dependia das circunstâncias. Os tecelões de Spitalfields insurgiram-se contra as máquinas pelas quais "um homem pode produzir tanto... como quase vinte sem elas" em 1675; contra os usuários de chita estampada em 1719; contra os imigrantes que trabalhavam abaixo do preço em 1736; e eles destruíram teares contra o corte de salários na década de 1760.²⁷ mas o objetivo estratégico destes movimentos era o mesmo. Por volta de 1800 os tecelões ocidentais e os tosquiadores entraram simultaneamente em ação; os primeiros se organizaram contra a inundação do mercado de trabalho por trabalhadores extras, os últimos contra as máquinas.²⁸ Contudo o objetivo deles, o controle do mercado de trabalho, era o mesmo. Inversamente, quando a mudança não trazia absolutamente desvantagem aos trabalhadores, não encontramos nenhuma hostilidade especial contra as máquinas. Entre os tipógrafos, a adoção de prensas movidas a motor após 1815 parece haver causado pouca perturbação. Foi a revolução posterior na composição de tipos que, já que ameaçava um rebaixamento por atacado, provocou a luta.²⁹ Entre o começo do século dezoito e o meio do dezanove a mecanização e os novos implementos aumentaram grandemente a produtividade do mineiro de carvão; como a introdução, por exemplo, das explosões de dinamite. Contudo, como eles deixaram a posição do cortador intocada, não ouvimos falar de nenhum movimento importante para resistir às mudanças técnicas, embora os mineiros fossem proverbialmente ultraconservadores e arruaceiros. A restrição da produção praticada pelos trabalhadores sob a iniciativa privada, é uma questão totalmente diferente. Ela pode ocorrer e ocorrer em indústrias completamente não-mecanizadas – por exemplo, na indústria de construção; nem depende ela de movimentos ostensivos, organizações ou insurreições.

Em alguns casos, na verdade, a resistência à máquina foi com bastante consciência uma resistência nas mãos do capitalista. Os destruidores de máquinas do Lancashire de 1778-90 distinguiram claramente entre máquinas de fiar de 24 fusos ou menos, que eles pouparam, e as grandes, adequadas apenas para uso em fábricas, que destruíram.³⁰ Na Inglaterra sem dúvida, que estava mais familiarizada com as relações sociais da produção que anteciparam aquelas do capitalismo industrial, este tipo de comportamento é menos inesperado do que em outros lugares. Nem devemos ler demais a respeito. Os homens de 1760 estavam ainda longe de compreender a natureza do sistema eco-

nômico que estavam prestes a enfrentar. Apesar de tudo, é evidente que a luta deles não foi uma simples luta contra o progresso técnico como tal.

Nem há, na maior parte, qualquer diferença fundamental na atitude dos trabalhadores em relação às máquinas, tomada como um problema isolado, nas primeiras e últimas fases da industrialização. É verdade que em muitas indústrias o objetivo de impedir a introdução de máquinas indesejáveis havia cedido lugar, com o advento da mecanização completa, ao plano de "capturá-las" para os trabalhadores que gozavam de padrões e condições sindicais, enquanto tomavam todas as medidas práticas para minimizar o desemprego tecnológico. Esta política parece ter sido adotada improvisadamente após a década de 1840³¹ e durante a Grande Depressão, mais genericamente após o meio da década de 1890.³² No entanto, há muitos exemplos de oposição direta às máquinas que ameaçam criar o desemprego ou rebaixar o trabalhador mesmo hoje em dia.³³ No funcionamento normal da economia da iniciativa privada os motivos que levaram os trabalhadores a não confiar nas novas máquinas na década de 1810 continuam convincentes na década de 1960.

(ii) O argumento até agora pode ajudar a explicar por que, afinal de contas, a resistência às máquinas foi tão pequena. O fato não é geralmente reconhecido, porque a mitologia da era pioneira do industrialismo, que homens como Baines e Samuel Smiles refletiram, exageraram os tumultos que ocorreram realmente. Os homens de Manchester gostam de pensar em si mesmos não só como monumentos da iniciativa e da sabedoria econômica, como também – uma tarefa mais difícil – como heróis. Wadsworth e Mann reduziram os tumultos do Lancashire no século dezoito a proporções mais modestas.³⁴ Na verdade temos registro apenas de alguns movimentos de destruição realmente generalizados tais como os dos trabalhadores rurais, que provavelmente destruíram a maioria das debulhadoras nas áreas afetadas.³⁵ As companhias especializadas de pequenos grupos de tosquiadores na Inglaterra e em outras partes,³⁶ e talvez os tumultos contra os teares movidos a motor em 1826.³⁷ As destruições do Lancashire de 1778-80 e de 1811 restringiram-se a áreas limitadas e número limitado de fábricas. (Os grandes movimentos do East Midland de 1811-12, não foram, como vimos, absolutamente dirigidos contra a nova maquinaria.) Isto é devido não só ao fato de que um pouco de mecanização era considerada inofensiva. Como foi acentuado,³⁸ a maioria das máquinas tendiam a ser introduzidas em ocasiões de prosperidade crescente, quando o nível de empregos estava melhorando e a oposição, não totalmente mobilizada, pôde ser dissipada por algum tempo. Quando as dificuldades voltaram, o momento estratégico para se opor aos novos implementos havia passado. Novos trabalhadores para operá-los já haviam

sido recrutados, os operários antigos ficaram de fora, capazes apenas de destruições ao acaso de seus competidores, incapazes de se impor sobre a máquina. (A menos, naturalmente, que tivessem bastante sorte de possuir um mercado especializado que não fosse afetado pela produção à máquina, como os que fabricavam sapatos à mão e os alfaiates fizeram nas décadas de 1870 e 80.) Um motivo pelo qual a destruição pelos tosquiadores era muito mais persistente e séria do que a de outros foi que estes homens-chaves altamente especializados e organizados mantiveram muito controle sobre o mercado de trabalho, mesmo após a mecanização parcial.³⁹

(iii) A mitologia dos industriais pioneiros obscureceu também a avassaladora simpatia pelos destruidores de máquinas em todos os segmentos da população. No Nottinghamshire não foi denunciado um único Luddite, embora muitos dos pequenos patrões devessem conhecer perfeitamente bem quem quebrou seus bastidores.⁴⁰ No Wiltshire – onde se sabia que os intermediários que terminavam as roupas e os pequenos patrões simpatizavam com os tosquiadores⁴¹ – os verdadeiros terroristas de lá de Rossendale baixaram eles próprios, resoluções contra os teares movidos a motor alguns anos antes de os homens destruí-los.⁴² Durante a insurreição dos trabalhadores de 1830 o Escritório dos Magistrados de Hindon, no Wiltshire, comunicou que "onde a turba não destruiu a maquinaria, os fazendeiros expuseram a mesma a fim de ser destruída",⁴³ e Lord Melbourne teve que enviar um circular em termos incisivos aos Magistrados que havia "em muitos casos recomendado a Paralisação do Emprego de Máquinas usadas para debulhar Milho e para outros Fins". "As máquinas" alegou ele, "têm tanto direito à proteção da Lei como qualquer outro tipo de Propriedade".⁴⁴

Nem isto é de surpreender. Os empresários capitalistas completamente desenvolvidos formavam uma pequena minoria, mesmo entre aqueles cuja posição era tecnicamente a de auferidores de lucros. O pequeno lojista ou patrão local não queria uma economia de expansão ilimitada, acumulação e revolução técnica, a selvagem briga de força que condenava os fracos à falência e ao *status* de assalariado. Seu ideal era o sonho secular de todos os "pequenos homens", que encontrou expressão periódica em Leveiler, no radicalismo Jeffersoniano ou Jacobino, uma sociedade em pequena escala de proprietários modestos e assalariados em condições confortáveis, sem grandes distinções de riqueza ou poder; embora sem dúvida, em sua maneira discreta, ficando mais ricos e mais confortáveis o tempo todo. Esse era um ideal irrealizável, e mais ainda na evolução muito rápida das sociedades. Lembremos, contudo, de que aqueles a quem isso era dirigido na Europa do começo do século dezenove constituíam a maioria da população, e

fora de indústrias tais como a do algodão, da classe empregadora.⁴⁶ Mas mesmo o empresário capitalista genuíno podia pensar de duas maneiras quanto às máquinas. A crença de que ele devia favorecer inevitavelmente o progresso técnico como uma questão de interesse próprio não tem fundamento, mesmo que a experiência do capitalismo francês e do capitalismo inglês posterior não estivessem disponíveis. Bastante diferente da possibilidade de ganhar mais dinheiro sem máquinas do que com elas (em mercados protegidos etc.), só raramente eram as novas máquinas proposições lucrativas imediatas e óbvias.

Há, na história de qualquer implemento técnico, um "limiar de lucro" que é atravessado bastante tarde – quanto maior o capital que tem que ser enterrado numa máquina, mais tarde. Daí, talvez, a proverbial falta de sucesso comercial dos inventores, que enterram o seu próprio dinheiro e de outras pessoas em seus projetos enquanto eles ainda são inevitavelmente imperfeitos e de maneira alguma evidentemente superiores aos seus rivais não-mecanizados.⁴⁷ Naturalmente, a economia de livre iniciativa pode superar estes obstáculos. O que foi descrito como o "vasto surto do século" de 1775-1875 criou situações, aqui e ali, que forneceram aos empresários em algumas indústrias – a do algodão por exemplo – o ímpeto para saltar além do "limiar".⁴⁸ O próprio mecanismo de acumulação do capital numa sociedade passando por uma revolução forneceu outros. Desde que houvesse concorrência, os progressos técnicos da seção pioneira espalhavam-se sobre um campo bastante largo. Contudo não devemos nos esquecer de que os pioneiros eram minoria. A maioria dos capitalistas tomaram a nova máquina no primeiro caso não como uma arma ofensiva para obter maiores lucros, mas como uma arma defensiva para se proteger contra a falência que ameaçava o competidor retardatário. Não ficamos surpresos ao ver E.C. Tufnell em 1834 acusando "muitos patrões do comércio de algodão... do comportamento vergonhoso de incitar os trabalhadores a se voltarem contra os fabricantes que eram os primeiros a expandir suas máquinas de fiar".⁴⁹ Os pequenos produtores e os empresários médios estavam numa posição ambígua, mas sem poder independente para mudá-la. Eles podiam antipatizar com a necessidade de novas máquinas, quer por elas alterarem sua maneira de viver, quer porque, sob qualquer consideração racional, elas não eram realmente bom negócio no momento. De qualquer maneira eles as viam como reforçando a posição do grande empresário modernizado, o principal rival. As revoltas da classe trabalhadora contra as máquinas deram a esses homens sua oportunidade; muitas vezes eles a aproveitaram. Pode-se concordar razoavelmente com o estudante francês de quebra de máquinas que observa que "algumas vezes o estudo detalhado de um incidente local revela o movimento Luddita menos co-

mo uma agitação do trabalhador, do que como um aspecto da competição entre o lojista ou fabricante atrasado e o progressista.⁵⁰

Se o empresário inovador tinha o grosso da opinião pública contra ele, como conseguiu ele se impor? Por meio do Estado. Foi bem comentado o fato de que na Inglaterra a Revolução de 1640-60 marca o momento decisivo na atitude do Estado em relação à maquinaria. Após 1660, a hostilidade tradicional aos equipamentos que tomam o pó da boca dos homens honestos, deu lugar ao encorajamento da iniciativa em busca de lucros, qualquer que fosse o custo social.⁵¹ Este é um dos fatos que nos justifica em considerar a Revolução do século dezoito como o verdadeiro começo político do moderno capitalismo inglês. Durante todo o período subsequente o aparelho central do Estado tendeu a estar, se não adiante da opinião pública em questões econômicas, então pelo menos mais disposto a considerar as reivindicações do empresário totalmente capitalista – exceto, é claro, quando estas se chocavam com interesses mais antigos e maiores. Os proprietários rurais ocidentais em alguns condados devem ainda brindar a sombra de uma hierarquia feudal desaparecida numa sociedade imutável: de qualquer maneira não havia nenhum traço significativo de política feudal nos governos Whigs, após 1688. A simpatia de Londres iria provar ser de inestimável valor para os novos industriais quando, sua ascensão monetária começou no último terço do século. Em questões de política agrícola, comercial ou financeira o Lancashire podia estar em conflito com Londres, mas não na supremacia fundamental do empregador em busca de lucros. Foi o Parlamento não reformado no seu período mais ferozmente conservador, que introduziu o *laissez-faire* total nas relações entre empregador e trabalhador. A economia da livre iniciativa clássica dominava os debates. Nem Londres tampouco hesitava em bater nas juntas dos dedos dos seus representantes locais mais antiquados e sentimentais se eles deixassem "de manter e apoiar os direitos da propriedade de qualquer tipo, contra a violência e a agressão".⁵²

No entanto, até a última parte do século dezoito, o apoio do Estado ao empresário inovador não era irrestrito. O sistema político da Inglaterra de 1660 até 1832 era destinado a servir aos industriais apenas na medida em que abrissem caminho à força do dinheiro para dentro do círculo dos interesses adquiridos de um tipo mais antigo – proprietários com mentalidade comercial, comerciantes, financistas, ricas etc. Na melhor hipótese eles podiam apenas esperar uma parcela do barril de carne de porco proporcional à pressão que fizessem, e no começo do século dezoito os industriais "modernos" eram até então apenas grupos ocasionais de provincianos. Daí, em certas ocasiões, uma certa neutralidade do Estado nas questões trabalhistas, de qualquer maneira até o meio do século dezoito.⁵³ Os fabricantes ocidentais de

roupas se queixavam amargamente que a maioria dos Juizes de Paz locais estavam predispostos contra eles.³⁴ A atitude do governo nacional nos tumultos dos tecelões de 1726-7 contrasta surpreendentemente com a da Home Office da década de 1790 em diante. Londres lamentou que os fabricantes locais de roupas hostilizassem sem necessidade os homens prendendo os arruaqueiros; ridicularizava as sugestões de que eles eram sediciosos; sugeriu que ambas as partes se reunissem amigavelmente, de forma que uma petição apropriada pudesse ser redigida e o Parlamento pudesse agir.³⁵ Quando isto foi feito, o Parlamento sancionou um acordo coletivo que deu aos homens grande parte do que desejavam, ao custo de uma "desculpa" perfunctória "pelos tumultos passados".³⁶ Novamente, a freqüência da legislação *ad hoc* no século dezoito³⁷ tende a mostrar que nenhuma tentativa sistemática, consistente e geral foi feita para obrigar o seu cumprimento. À medida que o século avançava, a voz do industrial se tornou cada vez mais a voz do governo nestas questões; mas anteriormente ainda era possível aos homens lutar ocasionalmente com grupos de patrões em termos mais ou menos justos.

Chegamos agora ao último e mais complexo problema: qual a eficácia da destruição de máquinas? É, acho eu, justo afirmar que a negociação coletiva através do tumulto foi pelo menos tão eficiente como qualquer outro meio de exercer pressão sindical, e provavelmente mais eficiente do que qualquer outro meio disponível antes da era dos sindicatos nacionais para grupos tais como os tecelões, marinheiros e mineiros. Isso não é afirmar muito. Os homens que não gozam da proteção natural dos pequenos números e escassas habilidades de aprendizagem que podem ser salvaguardadas pela entrada restrita no mercado e monopólios de contratação das firmas, estavam em qualquer caso obrigados normalmente a ficar na defensiva. O sucesso deles portanto devia ser medido pela sua capacidade de manter as condições estáveis – por exemplo, níveis de salários estáveis – contra o desejo perpétuo e bem anunciado dos patrões de reduzi-los ao nível da fome.³⁸ Isto exigiu uma luta incessante e eficiente. Pode-se alegar que a estabilidade no papel era minada constantemente pela lenta inflação do século dezoito, que fraudava com firmeza o jogo contra os assalariados³⁹, mas seria pedir demais das atividades do século dezoito enfrentar isso. Dentro dos seus limites, dificilmente se pode negar que os tecelões de seda de Spitalfields se beneficiaram com os seus tumultos.⁴⁰ As disputas dos barqueiros, marinheiros e mineiros no Nordeste, das quais temos registros, terminaram, não raro, com a vitória ou um compromisso aceitável. Além do mais, o que quer que tenha acontecido nos engajamentos individuais, o tumulto e a destruição de máquinas proporcionaram aos trabalhadores reservas valiosas em todas as ocasiões. O padrão do século dezoito estava constantemente consciente de que uma

exigência intolerável produziria, não uma perda de lucros temporários, mas a destruição de equipamento importante. Em 1829 a Comissão dos Lordes perguntou a um proeminente gerente de minas de carvão se a redução dos salários nas minas do Tyne e do Wearside podia "ser efetuada sem perigo para a tranquilidade do distrito, ou risco de destruição de todas as minas, com toda a maquinaria, e o valioso capital nela investido". Ele achava que não.⁴¹ Inevitavelmente, o empregador que se defrontava com esses riscos fazia uma pausa antes de provoca-los, com medo de que "sua propriedade e talvez sua vida (pudessem) correr perigo em consequência".⁴² "Muito mais patrões do que se podia esperar", notou Sir John Clapham com injustificada surpresa, apoiaram a manutenção das Leis dos Tecelões de Seda de Spitalfields, porque sob elas, alegavam eles "o distrito viveu num estado de quietude e repouso".⁴³

Podem o tumulto e a quebra de máquinas, contudo, deter o avanço do progresso técnico? Patentemente não pode deter o triunfo do capitalismo industrial como um todo. Numa escala menor, no entanto, eles não são de maneira alguma a arma desesperadamente ineficiente que se tem feito parecer. Assim, supõe-se que o medo dos tecelões de Norwich impediu a introdução de máquinas lá.⁴⁴ O Luddismo dos tosquiadores do Wiltshire em 1802 certamente adiou a generalização da mecanização; uma petição de 1816 nota que "no tempo da Guerra não havia nenhuma percha *** nem Bastidores em Trowbridge mas lamentar que estão agora aumentando Todo Dia".⁴⁵ Por paradoxal que pareça, a destruição pelos indefesos trabalhadores rurais em 1830 parece ter sido a mais eficiente de todas. Embora as concessões salariais em breve perdidas, as máquinas de debulhar não voltaram de maneira alguma na velha escala.⁴⁶ Quanto desse sucesso foi devido aos homens, quanto ao Luddismo latente ou passivo dos próprios empregadores, não podemos, contudo, determinar. No entretanto, qualquer que seja a verdade na questão, a iniciativa veio dos homens, e até esse ponto eles podem reivindicar uma parcela importante em qualquer desses sucessos.

(1952)

*** NT – Máquina composta de vários tambores guardados de corda para tornar paralelo o pelo dos estofo.

NOTAS

- 1 J. H. Plumb, *England in the Eighteenth century* (Harmondsworth 1950), p. 150; T. S. Ashton, *The Industrial Revolution* (Londres 1948), p. 134.
- 2 L. Dechesne, *L'Avenement du Régime Syndical à Verniers* (Paris 1908), p. 51-64 e *disperso*.
- 3 F. O. Darvall, *Popular Disturbance and Public Order in Regency England* (Londres 1934), p. 1.
- 4 P. ex., máquinas de fabricar lã e seda no Wiltshire, máquinas de fabricar papel em Buckinghamshire, máquinas de fabricar ferro em Berkshire (Public Record Office, Home Office Papers, HO 13/57, pp. 68-9, 107, 177; Sessões 25/21 *disperso*); J. L. e B. Hammond, *The Village Labourer* (várias edições) é o relato mais acessível; ver também duas teses não publicadas: N. Gash, *The Rural Unrest in England in 1830* (Oxford Examination Schools) e Alice Colson, *The Revolt of the Hampshire Agricultural Labourers* (Biblioteca da Universidade de Londres).
- 5 Para discussão dos tumultos pela alta de preços. *The Coal Industry of the Eighteenth Century* de T. S. Ashton e J. Sykes, (Manchester 1929), cap. VIII; *The Cotton Trade and Industrial Lancashire* de A. P. Wadsworth e J. de L. Mann, (Manchester 1931), pp. 355 ss.
- 6 Darvall, op. cit., cap. VIII *disperso*.
- 7 Bonner e Middleton's Bristol Journal, 31/7/1802. Alguns destes foram devido a disputas trabalhistas comuns, alguns à oposição às novas máquinas. Ver *The Skilled Labourer* de J. L. e B. Hammond; para um relato do movimento *The Early English Trade Unions* de A. Aspinall (ed), (Londres 1949), pp. 41-69 para alguns dos documentos.
- 8 House of Commons Journals, XVIII, p. 715 (1718); XX, p. 268 (1724).
- 9 House of Commons Journals, XX, pp. 598-9 (1726); Salisbury Assize Records perguntada no Wiltshire Times de 25/1/1919 (Wiltshire Notes & Queries).
- 10 Gentleman's Magazine (1738), p. 658.
- 11 Public Record Office, State Papers Domestic Geo. 2 (1741), pp. 56, 82-3.
- 12 *The Miner's Unions of Northumberland and Durham* de E. Welbourne, (Cambridge 1923), p. 21.
- 13 Ashton e Sykes, op. cit., pp. 89-91.
- 14 10 Geo. 2, c. 32, 17 Geo. 2, c. 40, 24 Geo. 2, c. 57, 31 Geo. 2, c. 42 (The English Coal Industry in the Seventeenth and Eighteenth Centuries, de E. R. Turner, Amer. Hist. Rev. XXVII p. 14). Turner parece haver negligenciado 13 Geo. 2, c. 21, 9 Geo. 3, c. 29, 39 e 40 Geo. 3, c. 77, 56 Geo. 3, c. 125 que são também dirigidos contra a destruição das minas. (Burn's *Justice of the Peace*, ed Chitty, 1837 edn. vol. III, pp. 643 ss).
- 15 Welbourne, op. cit., p. 31.
- 16 *A History of the Machine-Wrought Hosiery and Lace Manufactures* de W. Felkin, (Londres 1867) é a principal autoridade.
- 17 Para as minas francesas cf. *Les mines de charbon en France au XVIIIe siècle* de M. Rouff, (Paris 1922).
- 18 *Le Compagnonnage* de E. M. Saint-Léon, (Paris 1901), I, cap. 5.
- 19 Aspinall, op. cit., p. 175.
- 20 Os homens de Bolton foram acusados em 1826 de haver planejado a destruição de todos os fios de algodão embalados para exportação, bem como das máquinas. (Public Record Office, Home Office Papers HO 40/19, Fletcher para Hobhouse 20 de abril de 1826).
- 21 Cf a discussão destes problemas em *Le Sabotage* de E. Pouget (Paris n. d.), pp. 45 ss.
- 22 P. ex., os metalúrgicos galeses em 1816 (*The Times*, 26 Out. 1816), a greve geral de 1842 (*The Risings of the Luddites, Chartists and Plugdrawers*, de F. Peel, *Mecklenburg* 1888, pp. 341-7), e os mineiros alemães em 1889 (P. Grebe, *Bismarcks Sturz u. d. Bergarbeiterstreik vom Mai 1889*, Hist. Ztschr. CLVII, p. 91).
- 23 Aspinall, op. cit., p. 196: "Não posso deixar de pensar que as reuniões matinais e as chamadas atualmente são o lar de união."
- 24 *The Story of the Dockers' Strike* de H. L. Smith e V. Nash, (Londres 1889), *disperso*.
- 25 *Rinaldo Rigola e il Movimento Operário nel Biellese* de R. Rigola, (Bari 1930), p. 19. R. não relata nenhuma destruição verdadeira pelos tecelões, apenas pelos chapelinhos.
- 26 Veja capítulo sobre "Maquinaria" em seus *Principles*. Sobre esta, inserido apenas na 3ª edição, ver *Works and Correspondence of David Ricardo* de Sraffa e Dobb, (Cambridge 1951), I, p. lvi-ix.
- 27 *London Life in the Eighteenth Century* de M. D. George, (Londres 1925), pp. 187-8, 180.
- 28 *Parl. Papers* 1802, Relatório da Comissão sobre a Petição dos Fabricantes de Roupas de Lã, 247, 249, 254-5. *Rules and Articles of... The Woolen-Cloth Weaver's Society...* 1802 (British Mus. 906. k. 14 (1)).
- 29 *The London Compositor* de E. Howe e H. Waite (Londres 1948), pp. 226-33.
- 30 Wadsworth e Mann, op. cit., pp. 499-500.
- 31 *Industrial Democracy* de S. e B. Webb, (Londres 1898), cap. VIII: New Processes and Machinery.
- 32 Para a mudança política dos compositores de tipos cf. *The History of the Engineers de Howe e Waite; engenheiros J. B. Jefferys*, (Londres 1945), pp. 142-3, 156-7; *trabalhadores em chapas de estanho, The Tinplate Industry* de J. H. Jones, (Londres 1914), pp. 183-4, cap. IX.
- 33 *The Printing Trades* de J. Lofts, (Nova Iorque 1942) para a longa luta dos tipógrafos americanos contra a revolução técnica na década de 1940.
- 34 P. cit., p. 412. Ver também análise detalhada da sorte de Hargreaves, pp. 476 ss.
- 35 *Sel. Crec. on Agriculture*, 1833, 64 estimativas - sem dúvida com algum exagero - de que apenas 1 em 100 das máquinas de debulhar que existiam antes de 1830 estão agora em uso em Wilts. e Berks.
- 36 Sobre a agitação dos tosquiadores estrangeiros, The Luddite Movement in France, de F. R. Manuel, *Journ. Mod. Hist.* 1938, pp. 180 ss.; id., *L'introduction des Machines en France et les Ouvriers*, *Rev. d'Hist. Mod.* N. S. XVIII, pp. 212-5. O verdadeiro Luddismo na França parece ter sido virtualmente limitado aos tosquiadores, com menos sucesso do que na Inglaterra, embora as intenções Ludditas fossem algumas vezes expressas por outros. Ver os documentos em *Le Régime de l'Industrie en France de 1840 à 1830* de G. e H. Bourgin, (Paris 1912-41), 3 vols.
- 37 *Skilled Labourer*, de Hammond, p. 127.
- 38 *J. Mod. H. de Manuel*, p. 187. Darvall, *disperso*. Ver também a nota em *Character, Objects and Effects of Trade Unions* de Tufnell, (1834), p. 17, sobre a relutância dos homens que operavam realmente as máquinas em aderir à greve contra eles. Mas T. admite que eles aderiram, ameaçados ou persuadidos por seus colegas desempregados.

- 39 Os tosquiadores (tosadores) queriam a felpa do tecido acabado e raspavam-na com pedras tosquadeiras de ferro. Eles tinham que ser não só muito fortes como muito hábeis.
- 40 Durvall, op. cit., p. 207.
- 41 Aspinall, op. cit., p. 57-8.
- 42 Thomas Helliker, executado como tal em 1803 é geralmente considerado inocente.
- 43 *Economic History of Rosendale* de G. H. Tupling, (Manchester 1927), p. 214.
- 44 MS. Correspondência de M. Cobb, empregado dos Juizes de Salisbury, na Biblioteca de Wiltshir e Archaol. & Nat. Hist. Soc., Devizes. 26 Nov. 1830.
- 45 Circular Imprensa de 8 Dez. 1830. Esta é mencionada em *Village Labourer de Hammond (Guild Books edn) II, pp. 71-2*.
- 46 Ver a brilhante análise do "pequeno-burguês democrata" no Discurso de Marx ao Conselho Central da Liga Comunista, *Sed. Works of Marx & Engels*, II, pp. 160-1.
- 47 A frase "Limiar do lucro" é de G. Gilfillan (Invention as a Factor in Economic History, *Supp. to Journ. Econ. Hist.*, Dez. 1945).
- 48 Eles foram ajudados pelo baixo preço das novas máquinas. Um fabricante ocidental de roupas instalou máquinas de fiar com 70-90 fusos por 9 cada em 1804. Daí a possibilidade da mecanização aos poucos.
- 49 Tuftnell, op. cit., p. 10.
- 50 Manuel, *J. Mod. H.*, p. 186.
- 51 *Econ. Hist. of England* de E. Lipson, (4ª edn) II, pp. CXXXV-VI, III, pp. 300-313.
- 52 Para a "mudança revolucionária" neste período ver *Hist. of Trade Unionism* de S. e B. Webb (1894), pp. 44 ss. Mas as atus parlamentares podem dar a impressão errada. O curso normal dos acontecimentos foi que o *laissez-faire* progrediu calmamente, com a legislação contrária caindo em obsolescência, a menos que ocorresse uma campanha ativa e eficiente dos trabalhadores. Cf. a rescisão das cláusulas de salário no Statute of Artificers em 1813 (W. Smart, *Econ. Annals of the Nineteenth Century*, 1801-20, p. 368).
- 54 *The Case as it now stands between the Cloithiers, Weavers and other Manufacturers with regard to the late Riot, in the County of Wilts*, de Philalethes, Londres, 1739 (Cambridge Univ. Lib., Acton d. 25.1005), p. 7. De qualquer maneira até 17 Geo. 3, c. 55 os chapeleiros conseguiram uma Lei proibindo qualquer patrão de seniar no banco numa disputa que lhe dissesse respeito - o que é mais do que os trabalhadores rurais puderam conseguir.
- 55 Public Record Office: State Papers Domestic Geo. I, 63: pp. 72, 82, 93-4, 64: pp. 1-6, 9-10 (esp. 2-4).
- 56 Journals of the House of Commons, xx, p. 747.
- 57 *Burn's Justice of the Peace*, ed. cit., III, pp. 643 ss., V, pp. 485 ss., 552 ss., dá um quadro revoltante desta massa de legislação intermitente não coordenada.
- 58 *Der Moderne Kapitalismus*, de W. Sombart, I, II, p. 803 para uma bibliografia disto; *Capital I*, de K. Marx (1938 edn), pp. 259-63. "The Case as it now stands..." (Nota 54 acima), pp. 29, 41, dá argumentos típicos.
- 59 *The Profit Inflation and the Industrial Revolution, 1751-1800*, de E. J. Hamilton, *Q. Journ. Econ.*, pp. 56 (1942), 256.
- 60 *Skilled Labourer*, de Hammond, a observação de M. D. George, op. cit., p. 190 de que os preços dos tecidos pelas Leis não era comparável com o de outros ofícios durante o período, pode ser verdadeira. Mais importante é o colapso drástico dos preços após a rescisão das Leis (ibid., p. 374).
- 61 Hammond, *ibid.*, p. 26.
- 62 William Stark sobre os motivos porque a maquinaria não foi adotada no comércio de lã penteada de Norwich e as reduções de salários foram combatidas.
- 63 The Spitalfields Acts, de J. H. Clapham, 1773-1824, *Econ. Journ.* XXVI pp. 463-4.
- 64 Hammond, op. cit., p. 142. The Transference of the Worst Industry from Norfolk to the West Riding, de J. H. Clapham, *Econ. Jour.* XX, discute a questão com grande detalhe.
- 65 Hammond, *ibid.*, p. 188.
- 66 The Agriculture of Berkshire, de Clutterbuck (Londres & Oxford 1861), pp. 41-42.